

INTERDISCURSIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE

João Hilton Sayeg de Siqueira¹

RESUMO

Este texto tem por tema um estudo da constituição da interdiscursividade e da intertextualidade, levando-se em conta as noções de polifonia (BAKHTIN, 1982), intertextualidade (KRISTEVA, 1981), heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1982). Para o desenvolvimento da pesquisa foram selecionados textos em que ocorre a interdiscursividade, por meio da heterogeneidade constitutiva (Tragédia brasileira de Manuel Bandeira e Juca de Chico Buarque de Holanda); e a intertextualidade, por meio da heterogeneidade mostrada marcada (Bom conselho de Chico Buarque de Holanda e Provérbios) e da heterogeneidade mostrada não marcada (Queixa de Caetano Veloso e Cantiga de amor de Afonso Fernandes).

PALAVRAS-CHAVE

Interdiscursividade; Intertextualidade; Heterogeneidade constitutiva; Heterogeneidade mostrada.

ABSTRACT

This text is a study of the issue of the constitution interdiscursivity and intertextuality, taking into account the notions of polyphony (Bakhtin, 1982), intertextuality (Kristeva, 1981), constitutive heterogeneity and heterogeneity shown (Authier-Revuz, 1982). To develop the research texts that interdiscursivity occurs through constitutive heterogeneity (Tragédia brasileira of Manuel Bandeira and Juca of Chico Buarque de Holanda) were selected; and intertextuality, shown by the marked heterogeneity (Bom conselho of Chico Buarque de Holanda and Proverbs) and shown no

¹ Professor Doutor, Titular do Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Diretor da Faculdade Alfa, Praia Grande, SP.

marked heterogeneity (Queixa of Caetano Veloso and Cantiga de amor of Afonso Fernandes).

KEY WORDS

Interdiscursivity; Intertextuality; Constitutive heterogeneity; Heterogeneity shown.

INTRODUÇÃO

Este texto tem por tema um estudo da interdiscursividade e da intertextualidade, considerando-se as noções de polifonia (BAKHTIN, 1982), de intertextualidade (KRISTEVA, 1981), de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1982).

Objetiva-se examinar como a interdiscursividade e a intertextualidade se presentificam em textos escritos em língua portuguesa a partir de marcas implícitas e explícitas, tendo por critério de análise fatores que envolvem a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada.

Entende-se por *heterogeneidade constitutiva* as expressões linguísticas e seus meios: realizações de processos, tipologias textuais, regras retóricas, trabalhos de estilo e de época; e por *heterogeneidade mostrada*, o controle e a regulação do processo, evidenciados, no discurso, pela presença explícita do outro.

A tentativa de verificar a maneira como a interdiscursividade e a intertextualidade são manifestadas justifica-se na medida em que o texto enunciado apresenta diferentes dimensões de leitura e de interpretação, respectivamente associadas ao procedimento adotado e aos sentidos construídos. Para Lajolo (1985:59):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para

cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Nenhum texto possui uma única leitura, quer se situem diferentes leitores, quer se situe um mesmo leitor, nos seus diferentes momentos de leitura. O homem é o produtor de significações e elas ocorrem, necessariamente, na contextualização discursiva. No dizer de Seixo (1977:15), “o texto produz e engloba os discursos, o discurso lê os textos”. Por isso, o homem consegue, a partir de sua competência textual de leitura, dinamizar os diferentes sentidos que um texto comporta, seja intra ou intertextualmente.

Vigner (1988:32) ressalta a importância do fenômeno da interdiscursividade e da intertextualidade como fator essencial da legibilidade do texto:

Só é legível o já lido, o que pode inscrever-se numa estrutura de entendimento elaborada a partir de uma prática e de um reconhecimento de funcionamentos textuais adquiridos pelo contato com longas séries de textos.

O procedimento metodológico adotado é o teórico e analítico, pois partimos de conceitos teóricos que orientam as análises. Os passos seguidos são:

1. Estabelecimento do tema.
2. Levantamento bibliográfico direcionado para o estudo da interdiscursividade e da intertextualidade.
3. Seleção de textos para análise.
4. Análise dos textos selecionados.
5. Apresentação dos resultados obtidos.

Para a análise, foram selecionados textos que possibilitam examinar as marcas implícitas e explícitas, que evidenciam a interdiscursividade e a intertextualidade, considerando os fatores da heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada; a saber:

1. para a interdiscursividade, implicitamente, a heterogeneidade constitutiva em tipologias narrativas que:
 - 1.1 obedece à ordem canônica da superestrutura
 - **Tragédia brasileira**, Manuel Bandeira;
 - 1.2 altera a ordem canônica da superestrutura
 - **Juca**, Chico Buarque de Holanda.
2. para a intertextualidade, explicitamente, a heterogeneidade mostrada marcada e não marcada:
 - 2.1 marcada
 - **Bom conselho**, Chico Buarque de Holanda;
 - **Provérbios**.
 - 2.2 não marcada
 - **Queixa**, Caetano Veloso;
 - **Cantiga de amor**, Afonso Fernandes.

Considerações Teóricas

A primeira noção de diálogos entre discursos (e textos) aparece, implicitamente, em Bakhtin (1982:192), quando este trata do *romance polifônico* de Dostoievski, caracterizado pela pluralidade de vozes redutíveis a uma “mediação unitária”. Bakhtin mostra como a palavra tende a ser bivocal (ou mesmo plurivocal), estabelecendo múltiplos contatos no interior do mesmo discurso ou com outros discursos (discurso dialógico).

Em outras palavras, na base de sua análise do romance, encontra-se a convicção de que todo texto tem internamente, imanentemente, um caráter sociológico. Nele se cruzam as forças sociais vivas e cada elemento está impregnado de valores sociais vivos. Diz Bakhtin (id. Ibid.):

Em Dostoievski, o argumento carece de toda classe de funções conclusivas. Seu propósito está em situar o homem em diversas posi-

ções a fim de que ele se descubra e se deixe provocar, e se reúna e se choque entre si e o mundo, de tal maneira que o mundo não permaneça dentro de um marco deste choque argumentativo, mas saia dele, fora de seus limites. Os vínculos autênticos se iniciam ali onde um argumento normal se acaba, havendo cumprido sua função auxiliar. [...] Em todas as partes dos diálogos de suas personagens, existe um determinado conjunto de idéias, pensamentos e palavras que se conduzem através de várias vozes separadas, somando-se em cada uma delas de maneira diferente.

A intenção de Dostoievski é precisamente a variação do tema em muitas e diversas vozes, um *plurivocalismo* e um *heterovocalismo* fundamentais e insubstituíveis do tema. A ele importa a mesma disposição das vozes e a sua interação.

A partir dessas noções apontadas por Bakhtin, Ducrot desenvolve a teoria da polifonia e Kristeva, a da intertextualidade. Retomando o conceito de polifonia de Bakhtin e operando-o em nível linguístico, Ducrot (1987:161) mostra, segundo a perspectiva da Semântica da Enunciação, como, mesmo num enunciado isolado, é possível detectar mais de uma voz. No seu trabalho *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação*, o objetivo fundamental é contestar a tese da unicidade do sujeito falante como fonte do discurso. Parte do pressuposto de que o sentido do enunciado é uma descrição de sua enunciação e para essa descrição o enunciado fornece indicações.

Kristeva (1981:15-16) procura explicar a intertextualidade, considerando o texto como *ideologema*: função intertextual presente nos diferentes níveis da estrutura organizacional de cada texto, e que se estende ao longo de todo o seu trajeto, conferindo-lhe suas coordenadas históricas e sociais. Não se trata de um processo explicativo-interpretativo posterior à análise, que *explicaria* como produto *ideológico* aquilo que primeiro tenha sido conhecido como produto *linguístico*. A aceitação de um texto como ideologema determina o próprio procedimento de uma semiologia que, estudando o texto como uma intertextualidade, pensa-o assim, em rela-

ção com (os textos de) a sociedade e a história. O ideologema de um texto é o lugar no qual a racionalidade conhecedora integra a transformação dos *enunciados* em um todo, assim como as inserções dessa totalidade no texto histórico e social. O encontro de uma organização textual dada com os enunciados que assimila em seu espaço ou aos que remete no espaço dos textos exteriores.

Todo texto pressupõe várias classes de discursos, contemporâneos ou anteriores, e se apropria deles para confirmá-los ou recusá-los, mas, de qualquer forma, para possuí-los e de tal sorte que o *corpus* que precede o texto age, pois, como uma pressuposição generalizada. Assim, todo texto está sob a jurisdição de outros discursos que lhe impõem um universo. É dizer que o texto é uma intertextualidade, uma permutação de textos, absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos, rede de conexões internas e externas.

De uma maneira geral, a intertextualidade diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente do conhecimento de um ou mais textos previamente existentes, compreendendo as diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos (Cf. BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981:10).

Os fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes envolvem aspectos constitutivos e mostrados em marcas da ocorrência textual. Os ligados ao aspecto constitutivo evidenciam questões do conhecimento adquirido. Os de aspectos mostrados, marcado e não marcado, apoiam-se nas marcas linguísticas atualizadoras do texto. Tanto um quanto outro são apreendidos na prática dos indivíduos como sujeitos discursivos, receptores de textos.

Na busca da constituição do sujeito do discurso surgiram vários estudos, dentre os quais pode-se destacar o de *Heterogeneidade discursiva*, de Authier-Revuz (1982) em que se destaca a noção de que todo discurso é atravessado por outros discursos. Essa é a característica constitutiva de todo e qualquer discurso. O

discurso é heterogêneo e as marcas *palpáveis* de outros discursos são heterogeneidades mostradas em *negociação* com a heterogeneidade constitutiva.

O sujeito dá lugar, em seu discurso, ao discurso do outro. Essa *dialogicidade interna do discurso* orienta a estrutura de todo e qualquer discurso e garante a interação, pois constitui o espaço verbal de identidade sócio-histórica dos sujeitos implicados no discurso, seja implícita ou explicitamente.

A heterogeneidade constitutiva não está manifestada explicitamente no texto por meio de marcas linguísticas, mas é condição essencial para a ocorrência de discurso, dada sua condição sócio-histórica de constituição. O interdiscurso e a orientação dialógica de todo discurso é o princípio de sustentação para a manifestação da heterogeneidade mostrada: marcada e não marcada.

A heterogeneidade mostrada é uma maneira de negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva. O sujeito elabora o seu próprio dizer, marcando seu discurso com o dizer do outro. Como resultado, o sujeito garante um efeito de sentido de que o resto do dizer é todo seu. Isto é, ao se circunscrever na alteridade o sujeito garante uma unidade, mesmo que aparente.

No domínio da heterogeneidade mostrada, pode-se apreender linguisticamente a presença do *outro* no *discurso*, por meio de marcas linguísticas explícitas (heterogeneidade *mostrada marcada*); ou por meio de ocorrências não visíveis na materialidade linguística, mas por um efeito de sentido depreendido da configuração estética do dizer que revela a presença de outro(s) (heterogeneidade *mostrada não marcada*).

Um discurso nasce de discursos anteriores e projeta discursos posteriores. Um texto sempre tem relação com outros textos nos quais ele se embasa para existir. A interdiscursividade sempre está implícita em todo e qualquer texto. A intertextualidade pode ocorrer marcada ou não, seja explicitamente assinalada por palavras e estruturas sintáticas, seja por configurações estéticas de resgate sócio-histórico de manifestações textuais.

Análises

1. A interdiscursividade:

Para a interdiscursividade, implicitamente, será considerada a heterogeneidade constitutiva presente na tipologia textual da narrativa. Segundo Van Dijk (1989:53):

o conto tem outro tipo de estrutura: uma *estrutura esquemática* que chamaremos *superestrutura*. Uma superestrutura pode caracterizar-se intuitivamente como a *forma global* de um discurso, que define a ordenação *global* do discurso e as relações (hierárquicas) de seus respectivos fragmentos. Tal superestrutura, em muitos aspectos parecida à 'forma' sintática de uma oração se descreve em termos de *categorias* e de regras de *formação*. Entre as categorias do conto figuram, por exemplo: a introdução, a complicação, a resolução, a avaliação e a moral. As regras determinam a ordem em que as categorias aparecem. Assim, a ordem canônica (normal) da superestrutura de um conto é a ordem em que acabamos de mencionar as categorias narrativas. A estrutura de um conto que se obtém desta maneira é chamada esquema narrativo ou *superestrutura narrativa*.

Nos estudos que o referido autor desenvolveu com Kintsch (1983:56-57), as categorias da narrativa aparecem reduzidas a três: *toda história, em princípio, canonicamente, apresenta: uma situação inicial, uma complicação e uma resolução...* Essa tipologia mais simplificada será a adotada para a análise da interdiscursividade nos textos que seguem, verificando se eles obedecem ou não à ordem canônica proposta.

1.1. narrativa que obedece à ordem canônica da superestrutura:

TRAGÉDIA BRASILEIRA

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa - prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura. Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca de Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira, in *Estrela da vida inteira*.
15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988:133

O texto, em sua organização, obedece à ordem canônica proposta para a superestrutura da narrativa:

1. Situação inicial: apresentação das personagens Misael e Maria Elvira e das condições em que se conheceram.
2. Complicação: criação de um conflito para Misael a partir das atitudes volúveis de Maria Elvira.
3. Resolução: procedimentos adotados por Misael para resolver o conflito que lhe foi criado.

A superestrutura e a ordem canônica de seus constituintes são sócio-historicamente apreendidas e estão na concepção superestrutural de toda manifestação textual narrativa.

1.2. *narrativa que altera a ordem canônica da superestrutura narrativa:*

JUCA

Juca foi autuado em flagrante

Como meliante

Pois sambava bem diante

Da janela de Maria

Bem no meio da alegria

A noite virou dia

O seu luar de prata

Virou chuva fria

A sua serenata

Não acordou Maria

Juca ficou desapontado

Declarou ao delegado

Não saber se amor é crime

Ou se samba é pecado

Em legítima defesa

Batucou assim na mesa:

O delegado é bamba

Na delegacia

Mas nunca fez samba

Nunca viu Maria

In Chico Buarque. RGE, 1963.

O texto, em sua organização, não obedece à ordem canônica proposta para a superestrutura da narrativa e a transforma em sua atualização, iniciando-se pela complicação:

1. Complicação: Juca é autuado em flagrante como meliante, o que cria para ele um conflito, pois não consegue acordar Maria e declarar-lhe seu amor pela serenata.
2. Situação inicial: Juca faz uma serenata para Maria, sambando, para declarar-se.
3. Resolução: Juca argumenta com o delegado a validade de seu procedimento.

Mesmo não obedecendo à ordem canônica, a superestrutura da narrativa está presente no texto, o que indica que ela é necessária para a identificação de um texto como tal.

2. *para a intertextualidade, explicitamente, a heterogeneidade mostrada marcada e não marcada:*
 - 2.1. *heterogeneidade mostrada marcada:*

BOM CONSELHO

*Ouçã um bom conselho
 Eu lhe dou de graça
 Inútil dormir que a dor não passa
 Espera sentado
 Ou você se cansa
 Está provado, quem espera nunca alcança
 Venha meu amigo
 Deixe esse regaço
 Brinque com meu fogo
 Venha se queimar
 Faça como eu digo
 Faça como eu faço
 Aja duas vezes antes de pensar
 Corro atrás do tempo*

*Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade...*

Chico Buarque, Phonogram, 1975

Nem todo texto que se utiliza, explicitamente, de uma citação tem por objetivo confirmá-la, às vezes, a intenção é recusá-la por meio de contestações, como ocorre nesse texto que contesta os seguintes provérbios:

Se conselho fosse bom não se dava, vendia-se.

Dorme que a dor passa.

Quem espera sempre alcança.

Quem brinca com fogo acaba se queimando.

(transposição do sentido negativo: dor; para o positivo: prazer)

Faça o que eu digo e não o que eu faço.

Pense duas vezes antes de agir.

Devagar é que se vai longe.

Quem semeia vento, colhe tempestade.

(transposição do sentido negativo para o positivo)

In Raimundo Magalhães Jr. Dicionário de provérbios. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.

2.2. heterogeneidade mostrada não marcada:

QUEIXA

Um amor assim delicado

Você pega e despreza

*Não o devia ter despertado
Ajoelha e não reza
Dessa coisa que mete medo
Pela sua grandeza
Não sou o único culpado
Disso eu tenho certeza
Princesa
Surpresa
Você me arrasou
Serpente
Nem sente que me envenenou
Senhora e agora
Me diga onde eu vou
Senhora
Serpente
Princesa
Um amor assim violento
Quando torna-se mágoa
É o avesso de um sentimento
Oceano sem água
Onda: desejos de vingança
Nessa desnatureza
Bateu forte sem esperança
Contra tua dureza
Princesa
Surpresa
Você me arrasou
Serpente
Nem sente que me envenenou
Senhora e agora
Me diga onde eu vou*

Senhora
Serpente
Princesa
Um amor assim delicado
Nem um homem daria
Talvez tenha sido pecado
Apostar na alegria
Você pensa que tem tudo
E vazio me deixa
Mas Deus não quer que eu fique mudo
E eu te grito esta queixa
Princesa
Surpresa
Você me arrasou
Serpente
Nem sente que me envenenou
Senhora e agora
Me diga onde eu vou
Senhora
Serpente
Princesa

Caetano Veloso, in *Circuladô*. Polygram, 1992

O texto, por seu estilo e por seus recursos lexicais, reporta-se a uma época, Idade Média, em que se produziam cantigas de amor e a elas se assemelha, por retratar o amor cortês, a vassalagem à mulher amada que é mantida no anonimato e designada por *senhora*, a servidão, o sofrimento, a mágoa, a crueldade e a tristeza. Não se tem uma cantiga de amor, mas uma referência a ela, que pode ser notada mas não marcadamente mostrada.

Esse tipo de cantiga originou-se na região de Provença, sul da França, no século XI e se espalhou por toda a Europa, influenciando as composições literárias galego-portuguesas. O texto abaixo é dessa época e está transcrito em português atual:

CANTIGA DE AMOR

*Senhora minha, desde que vos vi,
lutei para ocultar esta paixão
que me tomou inteiro o coração;
mas não o posso mais e decidi
que saibam todos o meu grande amor,
a tristeza que tenho, a imensa dor'
que sofro desde o dia em que vos vi.*

*Quando souberem que por vós sofri
tamanho pena, pesa-me, senhora,
que diga a alguém, vendo-me triste agora,
que por vossa crueza padeci,
eu, que sempre vos quis mais que ninguém,
e nunca me quisestes me fazer bem,
nem ao menos saber o que eu sofri.*

*E quando eu vir, senhora, que o pesar
que me causais me vai levar à morte,
direi, chorando minha triste sorte:
“Senhor, por que me vão assim matar?”
E, vendo-me tão triste e sem prazer,
todos, senhora, irão compreender
que só de vós me vem este pesar.*

*Já que assim é, eu venho-vos rogar
que queirais pelo menos consentir*

*que passe a minha vida a vos servir,
e que possa dizer em meu cantar
que esta mulher, que em seu poder me tem,
sois vós, senhora minha, vós, meu bem:
graça maior não ousarei rogar.*

Afonso Fernandes. Apud C. Berardinelli, *Cantigas de trovadores medievais em português moderno*. Rio de Janeiro: Simões, s.d.:19

EM SUMA, em toda manifestação textual encontram-se, implicitamente, uma retomada discursiva e, explicitamente, uma teia de manifestações léxico-sintáticas que tecem diálogos textuais marcados e não marcados.

Considerações Finais

Um estudo sobre a interdiscursividade e a intertextualidade possibilita, mais claramente, a visualização de como o escritor/leitor se apropria de textos armazenados, em sua memória, ao longo de sua existência, como ser sócio-historicamente situado, e estabelece com eles um jogo interacional.

A produção textual, aqui entendida tanto como escritura quanto como leitura, é construída a partir da relação com muitos outros textos, seja explícita ou implicitamente. Seu caráter é interdiscursivo e intertextual, uma vez que todo discurso decorre de discursos anteriores e o texto sempre está inserido num conjunto textual por fatores que lhe determinam, pelo menos, a tipologia.

Produzir um texto implica a recorrência ampla ou estrita a outros textos, a fim de absorvê-los, confirmá-los, transformá-los ou recusá-los, numa tensão dinâmica, processada por movimentos contínuos de escritura/leitura.

Sob esse ponto de vista, embasado por estudos de representantes do grupo Tel Quel (apud Perrone-Moisés, 1978), pode-se conceber o texto como duplo escritura-leitura: ler aparece como

um ato de escritura, e escrever revela-se como um ato de leitura, de tal sorte que ler e escrever não são senão momentos simultâneos de uma mesma produção. Assim, a leitura deve ser considerada como escritura que transforma o texto e permite ler um outro texto, de tal forma que a superfície do texto torna-se o produto de um espaço pluridimensional: escritura/leitura de uma escritura/leitura/escritura de uma leitura, e assim sucessivamente.

Bibliografia

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneité montrée et heterogeneité constitutive: elements pour une approche de l'autre dans Le discours. In: DRLAV – Revue de Linguistique, 26, 1982, p. 91-151.
- BAKHTIN, M. (1982) *Estética de la creación verbal*. Mexico: Siglo Veintiuno.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W.(1981) *Introduction to text linguistic*. London: Longman.
- DUCROT, O. (1987) *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes.
- KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. (1983) *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press.
- KRISTEVA, J. (1981) *El texto de la novela*. Barcelona: Lumen.
- LAJOLO, M (1985) O texto não é pretexto. In Zilberman (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- PERRONE-MOISÉS, L. (1978) *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática.
- SEIXO, M. (1977) *Discursos do texto*. Amadora: Bertrand.
- VAN DIJK, T (1989) *Estructuras y funciones del discurso*. 6 ed. Mexico: Siglo Veintiuno.
- VIGNER, G.(1988) Intertextualidade, norma e legibilidade. In Galves, Orlandi & Otoni (org.) *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes.

